

Joël Dicker

OS ÚLTIMOS DIAS
DE NOSSOS PAIS

TRADUÇÃO DE ANDRÉ TELLES



Copyright © Éditions de Fallois / L'Âge d'Homme, 2012

TÍTULO ORIGINAL

Les Derniers Jours de Nos Pères

PREPARAÇÃO

Janaína Senna

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Breno Barreto

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D544u

Dicker, Joël, 1975-

Os últimos dias de nossos pais / Joël Dicker ;
tradução André Telles. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2015.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Les derniers jours de nos pères

ISBN 978-85-8057-701-3

1. Romance suíço. I. Telles, André. II. Título.

15-19530

CDD: 839.313

CDU: 821.112.5-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para minha querida Maminou e meu querido Jean.

Em memória de Vladimir Dimitrijević.

*“Nunca pense que a guerra, não importa quão necessária nem quão justificada, não é um crime.
Pergunte aos soldados e aos mortos.”*

ERNEST HEMINGWAY

Introdução a *Treasury for the Free World*

PRIMEIRA PARTE

Que todos os pais do mundo, quando prestes a nos deixar, saibam o enorme risco que corremos sem eles.

Eles nos ensinaram a andar, não andaremos mais.

Eles nos ensinaram a falar, não falaremos mais.

Eles nos ensinaram a viver, não viveremos mais.

Eles nos ensinaram como nos tornar Homens, nem sequer seremos mais Homens. Não seremos mais nada.

Sentados, ao amanhecer, eles fumavam, contemplando o céu escuro que dançava sobre a Inglaterra. E Pal recitava seu poema. Escondido na noite, lembrava-se do pai.

No morro onde estavam, só a bituca dos cigarros brilhava na escuridão; haviam adquirido o hábito de fumar ali nas primeiras horas da manhã. Fumavam para fazer companhia um ao outro, fumavam para resistir, fumavam para não esquecer que eram Homens.

Gordo, o grandalhão, fuçava os arbustos como um vira-lata, latindo para afugentar pequenos roedores na relva encharcada, e Pal repreendia o falso cão:

— Pare, Gordo! Hoje é um dia triste!

O amigo obedeceu depois de três reprimendas e, fazendo manha feito criança, rodopiou em torno do semicírculo formado pelas dez silhuetas até ir se sentar ao lado dos taciturnos, entre Rã, o depressivo, e Ameixa, o gago melancólico que amava secretamente as palavras.

— Em que está pensando, Pal? — perguntou Gordo.

— Em algumas coisas...

— Não pense em coisas ruins, pense em coisas belas.

E, com sua mão engordurada e rechonchuda, Gordo procurou o ombro do colega.

Da escadaria do velho solar que se erguia diante deles, alguém os chamou. O treinamento ia começar. Imediatamente, todos se apressaram; Pal se permitiu permanecer ali por mais um instante, escutando o murmúrio da

névoa. Estava pensando outra vez em sua partida de Paris. Pensava nisso sem parar, todas as noites e manhãs. Principalmente pela manhã. Naquele dia, fazia dois meses exatos que ele se fora.

Acontecera no início de setembro, logo antes do outono. Era preciso agir: ele devia defender os Homens, defender os pais. Defender seu pai, quem, não obstante, ele jurara que nunca abandonaria desde aquele dia, alguns anos antes, quando o destino levara sua mãe. O bom filho e o viúvo solitário. Mas a guerra os pegara de surpresa, e, ao escolher as armas, Pal decidira abandonar o pai. Desde agosto já sabia que iria embora, mas fora incapaz de lhe contar. Covarde, não tivera coragem de se despedir senão na véspera da partida, depois do jantar.

— Por que você? — indagara o pai com a voz embargada.

— Porque, se não for eu, não será ninguém.

Em um arroubo de amor e sofrimento, o pai abraçara o filho para lhe dar coragem.

Ao longo de toda a noite, arrasado, o pai chorara em seu quarto. Chorava de tristeza, mas também achava que o filho, então com vinte e dois anos, era o mais corajoso de todos. Pal ficara parado diante da porta do quarto do pai, ouvindo os soluços. E subitamente passara a sentir um ódio de si mesmo por fazê-lo chorar, o que o levou a cortar o peito com a ponta de seu canivete até sair sangue. Diante de um espelho, contemplara o corpo ferido, xingara-se e perfurara ainda mais a pele na altura do coração para se certificar de que a cicatriz nunca iria sumir.

No dia seguinte de manhã, seu pai, vagando de roupão pelo apartamento, com a alma dilacerada, preparara um café forte. Pal estava sentado à mesa da cozinha, já de chapéu e com os sapatos calçados. Tomara o café lentamente, para adiar a partida. O melhor café que beberia na vida.

— Está levando roupas boas? — perguntara o pai, apontando para a mochila do filho.

— Estou.

— Deixe-me ver. Você precisa de roupas bem quentes porque o inverno vai ser rigoroso.

E o pai acrescentara algumas roupas na bagagem, além de salame, queijo e um pouco de dinheiro. Depois, esvaziara e enchera a mochila três vezes. “Vou arrumar melhor”, repetia a cada vez, tentando protelar o inexorável destino. E quando já não tinha mais nada a fazer, deixara-se invadir pela angústia e pelo desespero.

— O que será de mim? — indagara.

- Voltarei logo.
- Vou sentir muito medo por você!
- Não precisa...
- Vou sentir medo todos os dias!

Sim, enquanto o filho não voltasse, o pai ficaria sem comer nem dormir. Seria, a partir daquele momento, o mais infeliz dos Homens.

- Vai escrever para mim?
- Claro, papai.
- E eu estarei sempre esperando você.

Apertara o filho contra o peito.

— Deve continuar a aprender — acrescentara. — O aprendizado é importante. Se os homens fossem menos burros, não haveria guerra.

Pal assentira com a cabeça.

- Se os homens fossem menos burros, não estaríamos aqui.
- Sim, papai.
- Coloquei alguns livros...
- Eu sei.
- Livros são importantes.

O pai então agarrara o filho pelos ombros, furiosamente, num rompante desesperado.

- Prometa-me que não vai morrer!
- Prometo.

Pal pegara a mochila e dera um beijo no pai. Pela última vez. E, no hall, ele ainda retivera o filho.

- Espere! Você esqueceu a chave! Como vai voltar se não tiver chave?

Pal não a queria: os que não voltam mais não levam chave. Para não magoar o pai, murmurara simplesmente:

- Não queria correr o risco de perdê-la.

O pai tremia.

— Claro! Seria um estorvo... Como você voltaria... Preste atenção, vou colocá-la debaixo do tapete. Vou guardá-la aqui, debaixo do tapete, está vendo? Vou deixar sempre esta chave aqui, para quando você voltar. — Ele refletiu por um instante. — Mas se e alguém pegar? Hum... Vou avisar a zeladora do prédio, ela tem uma cópia. Eu direi a ela que você foi embora, e que a chave deve ficar sempre na portaria se eu não estiver aqui, da mesma forma que não devo sair sem deixá-la na portaria. Isso, direi a ela para ficar atenta e dobrarei as gorjetas.

- Não diga nada à zeladora.

— Não direi nada, é claro. E não trancarei mais a porta de dia nem de noite, nunca mais. Assim não haverá risco de você não conseguir entrar. — Houve um longo silêncio. — Até logo, meu filho.

— Até logo, papai — respondera.

Pal ainda murmurara “te amo, papai”, mas seu pai não ouvira.

2

Nas noites de insônia, Pal saía do dormitório, onde seus companheiros, exaustos depois dos exercícios, dormiam pesado, e vagava pelo solar gelado, no qual o vento entrava como se não houvesse portas nem janelas. Sentia-se um fantasma escocês, ele, o francês furtivo; passava pela cozinha, pelo refeitório, pela grande biblioteca; consultava seu relógio de pulso, depois os na parede, calculando quanto tempo faltava para ir fumar com os colegas. Às vezes, a fim de expulsar os pensamentos lúgubres, inventava uma história engraçada para se divertir sozinho e, se a considerasse boa, anotava-a para contar aos recrutas no dia seguinte. Quando não sabia mais o que fazer, ia molhar suas entorses e feridas e, na solidão do banheiro, dizia o próprio nome, Paul-Émile, Pal, como o chamavam ali, pois quase todo mundo recebera um apelido. Vida nova, nome novo.

Tudo começara meses antes em Paris, quando, em duas ocasiões, acompanhado por um de seus amigos, Marchaux, ele pintara cruzes de lorena em um muro. Na primeira vez, tudo correria bem. Então os dois fizeram de novo. A segunda incursão acontecera em um fim de tarde, num beco. Marchaux ficara de tocaia, enquanto Pal pintava. Estava trabalhando quando percebera uma mão agarrar seu ombro e ouvira: “Gestapo!” Sentira o coração parar de bater e se virara: um sujeito alto o segurava com firmeza com uma das mãos e a Marchaux com a outra.

— Seus idiotas — vociferara o homem. — Querem morrer por causa de uma pichação? Pichação não serve para nada!

O cara não era da Gestapo. Ao contrário. Marchaux e Pal voltaram a encontrá-lo duas vezes. A terceira reunião acontecera nos fundos de um bar em Batignolles, com um homem que eles nunca tinham visto, aparentemente um inglês. O tal sujeito dissera estar à procura de franceses corajosos, dispostos a se juntar ao esforço de guerra.

Pal e Marchaux, então, partiram. Uma rede de intermediários os ajudou a chegar à Espanha, passando pelo sul do país e pelos Pireneus. Marchaux decidira seguir para a Argélia. Pal queria continuar até Londres. Dizia-se que era lá que as coisas estavam acontecendo. Chegara a Portugal; depois, de avião, à Inglaterra. Já em Londres, passara pelo centro de interrogatório de Wandsworth — parada obrigatória para todos os franceses que desembarcavam na Grã-Bretanha — e, misturado aos covardes, corajosos, patriotas, comunistas, brutos, veteranos, desesperados e idealistas, se apresentara perante os serviços de recrutamento do Exército britânico. A Europa fraternal afundava, como um barco construído às pressas. A guerra já durava dois anos, nas ruas e nos corações, e todos reclamavam sua parte.

Não ficara muito tempo em Wandsworth. Fora rapidamente levado a Northumberland House, um antigo hotel ao lado da Trafalgar Square requisitado pelo Ministério da Defesa. Lá, num cômodo despojado e gélido, tivera longas conversas com Roger Calland, francês como ele. O assunto estendera-se por vários dias: Calland, psiquiatra de formação, virara recrutador para a Executiva de Operações Especiais, uma seção de atividades clandestinas do serviço secreto britânico, e tinha interesse em Pal. O rapaz, ignorando o destino que lhe reservavam, limitara-se a responder aplicadamente às perguntas e aos formulários, feliz em poder dar sua pequena contribuição ao esforço de guerra. Se o considerassem útil como metralhador, viraria um, ah!, como metralharia bem de sua torrezinha; se fosse como mecânico, se tornaria um e apertaria os parafusos como ninguém jamais fizera; e se as cabeças pensantes inglesas lhe reservassem um papel de pequeno burocrata numa gráfica de propaganda, carregaria paletas de tinta com entusiasmo.

Calland, no entanto, logo percebera que Pal reunia as qualidades dos bons agentes de campo da Executiva de Operações Especiais, a SOE, na sigla em inglês. Era um rapaz tranquilo e discreto, com rosto meigo, bonito até, e de constituição forte; era um ardoroso patriota, sem ser um daqueles esquentadinhos capazes de levar ao fim uma companhia inteira, nem um daqueles apaixonados deprimidos que foram desprezados e que queriam a guerra porque desejavam a morte. Expressava-se bem, com lógica e veemência, e o psiquiatra divertira-se ao ouvir sua explicação de que, sim, aceitaria trabalhar na gráfica, mas teria que aprender um pouco porque, de gráfica, não entendia muito, apesar de gostar de escrever poemas e pensar que daria tudo para fazer belos, magníficos panfletos a serem lançados estrepitosamente dos bombardeiros e que os pilotos declamariam em seus cockpits com emoção, pois, afinal, fazer panfletos também é participar da guerra.

E Calland escrevera em suas anotações que o jovem Pal pertencia ao rol das pessoas valorosas que frequentemente ignoram isso, o que acrescenta modéstia às suas qualidades.

* * *

A SOE tinha sido idealizada pelo próprio primeiro-ministro Churchill no dia seguinte à derrota inglesa em Dunquerque. Consciente de que não poderia enfrentar os alemães com um exército regular, decidira inspirar-se nos movimentos de guerrilha para combater no interior das linhas inimigas. E seu conceito era notável: a Executiva, sob direção britânica, recrutava estrangeiros na Europa ocupada, treinava-os e formava-os na Grã-Bretanha, depois os enviava a seus países de origem, onde eles passavam despercebidos em meio à população local, para executar operações secretas na retaguarda das linhas inimigas, como divulgação de informações, sabotagens, atentados, propaganda e formação de redes.

Efetuada todas as verificações de segurança, Calland finalmente falara sobre a SOE com Pal. Foi no fim do terceiro dia em Northumberland House.

— Você estaria disposto a realizar missões clandestinas na França? — perguntara o médico.

O coração do rapaz ficara acelerado.

— Que tipo de missão?

— Assuntos de guerra.

— Coisa perigosa?

— Bastante.

Em seguida, em tom de confiança paternal, Calland explicara muito sucintamente o que era a SOE, ao menos o que a nuvem de segredos que cercava a Executiva lhe permitia revelar, pois convinha que o rapaz apreendesse todo o alcance daquela proposta. Sem compreender tudo, Pal compreendia.

— Não sei se serei capaz — confessara.

Estava lívido, ele, que se imaginara um mecânico todo satisfeito ou um tipógrafo feliz da vida, e que estava recebendo a proposta, em meias palavras, de se juntar ao serviço secreto.

— Vou lhe dar um tempo para refletir — dissera Calland.

— Claro, um tempo...

Nada impedia Pal de dizer não, de voltar à França, reencontrar sua tranquilidade parisiense, abraçar novamente o pai e nunca mais deixá-lo. Contudo, no fundo de sua alma atormentada, já sabia que não recusaria. O que

estava em jogo era extremamente importante. Ele percorrera todo aquele caminho para participar da guerra, então não podia mais desistir. Com o estômago embrulhado e as mãos trêmulas, Pal voltara ao quarto no qual o haviam instalado. Tinha dois dias para pensar.

Depois desses dois dias, Pal tivera outra conversa com Calland, em Northumberland. Pela última vez. Mas não o levaram à sinistra sala de interrogatórios, mas a um cômodo agradável, bem-aquecido, com janelas que davam para a rua. Em cima de uma mesa, haviam deixado biscoitos e chá, e, como Calland se ausentara por um instante, Pal avançara na comida. Estava faminto, pois não comera praticamente nada nos últimos dois dias, por causa da angústia. Devorou o que podia, engolindo sem mastigar. De repente, a voz de Calland fizera-o sobressaltar.

— Desde quando você não come, rapaz?

Pal nada respondera. Calland o analisara detidamente: considerava-o um rapaz sedutor, educado, inteligente, sem dúvida o orgulho dos pais. Mas reunia também as qualidades de um bom agente, o que certamente o levaria à perdição. Perguntara-se por que diabo aquele jovem aparecera ali, por que não ficara em Paris. E, como se quisesse desafiar o destino, levava-o a uma cafeteria próxima para lhe oferecer um sanduíche.

Comeram em silêncio, sentados ao balcão. Depois, em vez de voltarem diretamente para Northumberland House, vagaram pelas ruas do centro de Londres. Pal declamara, sem motivo, um poema de sua autoria sobre seu pai, inebriado pelos próprios passos. Londres era uma bela cidade, os ingleses eram um povo muito ambicioso. Calland parara de repente no meio da avenida e o segurara pelos ombros.

— Vá embora, meu filho — dissera. — Corra para reencontrar seu pai. Nenhum Homem merece o que o espera.

— Os Homens não fogem.

— Vá, pelo amor de Deus! Vá e não volte nunca mais!

— Não posso... Aceito sua proposta!

— Pense um pouco!

— Já decidi. Mas o senhor precisa saber que nunca participei de uma guerra.

— Nós lhe ensinaremos... — O médico suspirou. — Pelo menos tem consciência do que está prestes a fazer?

— Acredito que sim, senhor.

— Não, você não faz ideia!

Então Pal olhara fixamente para Calland. Em seus olhos brilhava a luz da coragem, aquela coragem dos filhos que deixa os pais desesperados.

* * *

À noite, portanto, no solar, Pal só pensava em seu ingresso na equipe da Seção F da SOE, à qual se juntara por recomendação do Dr. Calland. Sob comando geral inglês, a organização se subdividia em diversas seções, encarregadas das operações nos diferentes países ocupados. A França contava com várias, por causa de suas distorções políticas, e Pal fora integrado à Seção F, a dos franceses independentes que não eram ligados nem a De Gaulle — Seção DF —, nem aos comunistas — Seção RF —, nem a Deus ou a ninguém. Recebera como disfarce uma patente e uma matrícula no Exército britânico. Se lhe fizessem perguntas, bastaria responder que trabalhava para o Ministério da Defesa, o que não tinha nada de excepcional, sobretudo numa época como aquela.

Passara algumas semanas solitárias em Londres, esperando que sua formação de agente começasse. Trancado em seu quartinho, amadurecera sua decisão: ele havia abandonado o pai, preferira a guerra. *Quem você ama mais?*, perguntava-lhe sua consciência. A guerra. Mas não conseguia deixar de se questionar se um dia voltaria a ver o pai que tanto amara.

Tudo começara de fato no início de novembro, próximo a Guilford, em Surrey. No solar. Ia completar duas semanas. Wanborough Manor e seu grupo de fumantes da madrugada. A primeira etapa da escola de formação dos recrutas da SOE.